

# Brizolismo e antibrizolismo: a disputa eleitoral no Rio de Janeiro em 1998

Recebido: 04/12/2020  
Aprovado: 06/04/2021

Guilherme  
Esteves Galvão  
Lopes

Doutorando em  
História, Política e  
Bens Culturais (CP-  
DOC/FGV)

Samuel Braun  
Pereira Lima

Doutorando em  
Economia Política  
Internacional (IE/  
UFRJ)

## RESUMO

Nas eleições de 1998, o estado do Rio de Janeiro testemunhou mais um confronto eleitoral baseado na polarização em torno do brizolismo: seu discurso foi representado pela candidatura de Anthony Garotinho (PDT), enquanto no outro polo estava a candidatura de Cesar Maia (PFL). Neste artigo, ao analisarmos a disputa em questão, buscamos aprofundar a compreensão do brizolismo enquanto fenômeno político, destacando também a construção de alianças, o processo eleitoral, as disputas por legitimidade e as consequências do resultado do pleito para a política carioca e fluminense, com base em uma análise de cultura política.

## PALAVRAS-CHAVE:

Brizolismo; Eleições; Rio de Janeiro.

## Introdução

Nas eleições gerais de 1998, onde foram escolhidos presidente da República e governadores estaduais, diferentes projetos políticos disputaram a preferência do eleitorado brasileiro. No âmbito nacional, a discussão esteve centrada, sobretudo, na continuidade do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), candidato à reeleição pelo PSDB, e sua política econômica. Na pauta, temas como o Plano Real – que apresentava os primeiros sinais de desgaste –, as privatizações, a política para o salário mínimo e as reformas, como a da previdência.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT), derrotado por ele em 1994, seria candidato presidencial pela terceira vez, tendo como seu vice o ex-governador Leonel Brizola (PDT), também derrotado em 1994, visando uma tentativa de união das esquerdas a nível nacional. Ambos denunciavam o Plano Real como “farsa eleitoral”, além de acusar fraudes na votação da emenda da reeleição, aprovada em 1997, que possibilitou nova candidatura de FHC<sup>1</sup>.

Enquanto a discussão, a nível nacional, era focada nas pautas relacionadas direta ou indiretamente ao Plano Real, no Rio de Janeiro a disputa teve por base a polarização entre brizolismo e antibrizolismo, centrada nas candidaturas de Anthony Garotinho e Cesar Maia ao governo estadual, respectivamente.

Neste artigo, utilizando os conceitos formulados por João Trajano Sento-Sé, juntamente com o conceito de cultura política de Almond, Verba, Baquero, Capistrano e Almeida, analisaremos o processo eleitoral fluminense em 1998, possibilitando a compreensão do brizolismo enquanto a mais expressiva corrente política do Rio de Janeiro no período.

## Brizola e o brizolismo

Leonel de Moura Brizola nasceu em 1922, em Carazinho (RS). Formado em Engenharia, conquistou meteórica ascensão política, sendo eleito deputado estadual, deputado federal, prefeito e governador de estado em pouco mais de 10 anos de vida pública, iniciada com sua eleição para deputado estadual em 1947, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

---

1 PODER 360. *Entenda como foi a compra de votos a favor da emenda da reeleição em 1997*. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/congresso/entenda-como-foi-a-compra-de-votos-a-favor-da-emenda-da-reeleicao-em-1997>>. Acesso em: 04 dez. 2020.

Foi eleito prefeito de Porto Alegre em 1955, e em 1958 foi eleito governador do Rio Grande do Sul. Sua gestão ficou marcada por políticas de industrialização, infraestrutura, desenvolvimento econômico<sup>2</sup> e pelas iniciativas de expansão do ensino básico – foram 6 mil escolas construídas<sup>3</sup> –, destacando-se também pelas encampações dos sistemas elétrico e telefônico.

Durante seu mandato, após a renúncia do presidente Jânio Quadros, liderou o movimento político que impediu uma tentativa de golpe de Estado contra o vice-presidente João Goulart, que estava em missão oficial na China. O movimento ganhou repercussão nacional a partir das transmissões dos discursos de Brizola pelo rádio, na chamada Campanha da Legalidade<sup>4</sup>. Em 7 de setembro de 1961, Goulart assumiu a presidência da República após a aprovação da emenda parlamentarista pelo Congresso.

Em 1962, ainda no governo gaúcho, Brizola candidatou-se a deputado federal pelo estado da Guanabara, obtendo expressiva votação: 269.384 votos, cerca de 26% do eleitorado carioca. Além de consolidá-lo politicamente a nível nacional, sua vitória foi um duro revés para a UDN de Carlos Lacerda, governador do estado<sup>5</sup>.

Brizola foi apoiador radical das Reformas de Base<sup>6</sup> apresentadas por João Goulart, e com o golpe militar de 1964, exilou-se no exterior, retornando ao Brasil apenas em 1979, após a anistia<sup>7</sup>. Perdeu a liderança do PTB para Ivete Vargas, sobrinha de Getúlio, organizando em seguida o Partido Democrático Trabalhista (PDT).

Em 1982, foi eleito governador do estado do Rio de Janeiro, e sua administração foi marcada pela criação dos Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), os populares *brizolões*, e pela construção da Passarela dos Desfiles, o *Sambódromo*. Candidatou-se a presidente da República em 1989, sendo derrotado ainda no 1º turno. Apoiou o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que perdeu o 2º turno para Fernando Collor (PRN). No ano seguinte, foi novamente eleito governador do Rio de Janeiro com 3.521.206 votos (60,87%).

No segundo mandato, Brizola sofreu crescente impopularidade após a cooperação com o governo Collor, denunciado por corrupção, ser explorada politicamente como apoio ou até subserviência. O demorado apoio ao *impeachment*, em 1992, a grave crise de segurança pública e as críticas ao Plano Real contribuíram para sua derrota nas eleições presidenciais de 1994.

---

2 Kenny Braga (Coord.) et al. *Leonel Brizola: perfil, discursos e depoimentos (1922-2004)*. 1ª edição. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2004. p. 53.

3 Moniz Bandeira. *Brizola e o Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 59.

4 Paulo Markun; Duda Hamilton. *1961: O Brasil entre a ditadura e a guerra civil*. São Paulo: Benvirá, 2011.

5 Guilherme Esteves Galvão Lopes. *As eleições de 1962 na Guanabara: a consolidação de Brizola no cenário político nacional*. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 2013.

6 Moniz Bandeira. *O governo João Goulart – As lutas sociais no Brasil, 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 187 p.

7 Clóvis Brigagão; Trajano Ribeiro. *Brizola*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

Brizola inaugurou uma nova corrente, o brizolismo, e esta, enquanto fenômeno político, ultrapassa os discursos brizolistas e antibrizolistas, que o compõem. O discurso brizolista dá conta do líder político e de seus seguidores, mas emerge enquanto brizolismo quando povoa também os discursos daqueles que sobre Brizola, suas ideias e discursos, numa perspectiva de negação, constroem sua inserção política. Esta conceituação encontramos no cientista político João Trajano Sento-Sé:

O líder político dotado da envergadura tem os contornos de sua imagem traçados pelos componentes de seu discurso e de sua atuação confrontados pelos equivalentes de seus adversários. Ocorre, então, uma forma de serviço prestado ao líder por seus inimigos e adversários involuntariamente<sup>8</sup>.

Ainda segundo Sento-Sé, uma rede de símbolos e imagens, mobilizada na arena pública, conferia sentido à adesão a Brizola, enquanto o debate político do Rio de Janeiro continuou centrado nas proximidades e distanciamentos de sua figura, sendo estes alguns dos elementos utilizados ao desenvolver o conceito de brizolismo:

Chamo de brizolismo os discursos acerca da figura de Brizola, o significado atribuído à sua liderança ao longo dos últimos anos, a forma como foi percebida por aqueles que são ou foram a favor dele e por aqueles que a opuseram. Objeto inglório, posto que, a despeito dos recorrentes sepultamentos, Brizola permanece sendo uma referência importante e em plena atividade na política carioca e brasileira<sup>9</sup>.

Entre as imagens e símbolos evocados por Brizola na construção de seu discurso se encontram as referências a um passado glorioso e um futuro promissor. O passado reivindicado é o trabalhismo e o nacionalismo prévios ao golpe militar de 1964, entendidos como representação da instituição republicana e democrática de massa no Brasil, ressignificando positivamente aquilo que o novo sindicalismo e as forças políticas fundadoras do PT propõem superar.

As diferentes compreensões em relação ao período entre 1930 e 1964, positivas por parte dos brizolistas, e negativas pelos adversários políticos, de esquerda ou de direita, contribuía para que a filiação ao nacionalismo e ao trabalhismo pré-golpe fosse utilizada permanentemente, tanto pelos brizolistas, quanto por seus contendentes, atribuindo vantagens e desvantagens, mas de forma geral fornecendo elemento característico marcante.

Outro elemento, igualmente relevante, do brizolismo enquanto um campo

---

8 João Trajano Sento-Sé. *A era do líder popular*. In: Marieta de Moraes Ferreira (org.). *A força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ALERJ, CPDOC/FGV, 2008.

9 João Trajano Sento-Sé. *Brizolismo: estetização da política e carisma*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999. p. 17.

político do trabalhismo organizado após a redemocratização, é o seu hábil manejo de documentos como a Carta de Lisboa, a carta-testamento de Getúlio Vargas e a obra política de Alberto Pasqualini. As duas cartas reforçam os laços históricos de Brizola com a resistência à ditadura e a consequente retomada da herança política varguista, enquanto a produção de Pasqualini realizava duplo movimento, reforçando o vínculo entre o novo e o antigo trabalhismo, assim como aproximando-o da esquerda democrática europeia.

Não menos significativos foram, contudo, a abordagem política irreverente e provocativa de Brizola, e o socialismo moreno de Darcy Ribeiro. Brizola transformava o trabalhismo de cunho nacionalista, que na tradição reivindicada possuía uma imagem sisuda, litúrgica e solene, em uma forma de fazer política descontraída, irônica e mais adequada à sua incorporação no debate popular.

O socialismo moreno delineado por Darcy Ribeiro incorporava teoria e estética: não só as ideias não deviam ser importadas, e sim desenvolvidas conforme a realidade social e cultural brasileira, como também a etnicidade devia ser tomada como seu elemento central. Positivando um elemento comumente desvalorizado da formação social brasileira, a miscigenação, possibilitava a criação de um personagem síntese: excluído, pobre, negro, morador de favela. Seu exemplo máximo é o banguela, como uma imagem de indignidade ressignificada para uma de potência<sup>10</sup>.

Estes elementos caracterizam o brizolismo como um exemplo de cultura política que teve lugar central no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990. A cultura política, como exposta por Almond e Verba, é um padrão de orientações para a ação política formado por significados e propósitos, de ordem subjetiva, e que dá sentido às decisões políticas, significados sociais aos atos individuais e disciplina às instituições<sup>11</sup>:

Cultura política é o repositório acumulado de símbolos, crenças, valores, atitudes, normas e outros produtos culturais que moldam e pautam a vida política em uma sociedade. Inclui lemas e hinos nacionais; cultura material como bandeiras, monumentos e estátuas de figuras heroicas. Crenças sobre a história e destinos nacionais; atitudes de patriotismo ou deferência (ou ainda de cinismo e desprezo) por políticos e outros líderes; valores que dão forma a opções de política; e normas que determinam expectativas, variando da garantia de direitos civis e mecanismos para mudar o governo ou reprimir a dissidência. Os tópicos de interesse sociológico incluem a maneira como vários aspectos da cultura política afetam o comportamento e as suas consequências políticas; a relação entre a cultura política e os vários tipos de sistemas, tais

---

10 João Trajano Sento-Sé. O discurso brizolista e a cultura política carioca. *Varia História*: 85-104, 2002. p. 94-95.

11 Gabriel Almond; Sidney Verba. *The Civic Culture. Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. Princeton: Princeton University Press, 1963.

como DEMOCRACIA e AUTORITARISMO, e o processo de socialização, através do qual a cultura política é transmitida de uma geração à outra<sup>12</sup>.

Dos três tipos de orientações subjetivas definidas por Almond e Verba sobre a cultura política, a orientação afetiva era a que determinava os sentimentos que o indivíduo nutria com relação ao sistema político e social<sup>13</sup>, coadunando com a relação promovida pelo brizolismo através do manejo da galhofa, da festa e do riso enquanto formas de ação política<sup>14</sup>.

Os procedimentos organizativos nada ortodoxos do brizolismo em relação à administração do partido e do Estado também encontrariam explicação numa longa tradição de autores culturalistas brasileiros, em especial Marcello Baquero<sup>15</sup>, onde a cultura política daria suporte à mistura de dimensões formais da política com a incredulidade e a aversão às instituições e suas liturgias. Baseado em *surveys* sobre as preferências do eleitorado brasileiro, Baquero aponta para uma cultura política em que o descumprimento dos princípios administrativos por parte dos gestores públicos encontra grande aceitação, enquanto forma válida de exercício democrático<sup>16</sup>.

O brizolismo introduz como um tipo de valor informal marcante a gestão pouco afeita aos protocolos e planejamentos, que se apresenta como mais participativa e democrática ao se contrapor aos aparatos burocráticos e às regras rígidas de procedimentos e instâncias, tanto na organização do partido, como na administração do Estado.

O brizolismo mobilizava as diferenças de cultura política existentes entre aqueles que possuem riqueza material e aqueles que não tem, decorrente da dimensão da desigualdade de renda no Brasil<sup>17</sup>, diferença reforçada pelo cientista político Alberto Carlos Almeida como um verdadeiro abismo<sup>18</sup>.

À parte as características de cultura política do brizolismo, uma de suas maiores demonstrações de relevância era o seu peso eleitoral: além das eleições do próprio Brizola, em 1982 e em 1990, o então senador Saturnino Braga foi eleito em 1985 prefeito da capital ao desbancar outros 18 adversários na disputa. No ano de 1988, o ex-senador Marcello Alencar – que havia sido prefeito indicado por Brizola em 1983 – foi reconduzido ao cargo com quase 1 milhão de votos.

12 Allan G. Johnson. *Dicionário de Sociologia*. Guia Prático da Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

13 Gabriel Almond; Sidney Verba. *The Civic Culture. Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. Princeton: Princeton University Press, 1963. p. 14.

14 João Trajano Sento-Sé. O discurso brizolista e a cultura política carioca. *Varia História*: 85-104, 2002. p. 98.

15 Marcello Baquero. Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil. *Revista Opinião Pública*, Vol.14, nº2, pp.380-413, 2008. p. 307.

16 Baquero. *Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil*, p. 404.

17 Daniel Capistrano. Um retrato dos brasileiros. *Sociedade e Cultura*, Vol. 11, nº. 2, pp.393-395, 2008. p. 394.

18 Alberto Carlos Almeida. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 25.

O mesmo ocorreu em regiões consideradas fortes redutos eleitorais do brizolismo, como a Baixada Fluminense, a Zona Oeste carioca e as cidades de Niterói, São Gonçalo e Campos dos Goytacazes, onde o PDT conquistou sucessivos mandatos em 1988, 1992 e 1996. No que diz respeito à representação parlamentar, em 1994 o partido elegeu 12 deputados estaduais e 8 deputados federais, compondo importantes bancadas em ambos os legislativos. Em 1998, o PDT possuía uma das vagas no Senado, ocupada por Abdias do Nascimento.

Embora fosse majoritário no campo da direita política, o antibrizolismo abrangia também parte da esquerda, sobretudo no Partido dos Trabalhadores. Paulatinamente, a oposição a Brizola era reforçada por novos desafetos do líder do PDT, frutos de rupturas políticas quase sempre traumáticas, sendo o melhor exemplo o de Marcello Alencar: o ex-prefeito rompeu com o brizolismo após as eleições de 1992, quando não conseguiu emplacar seu candidato à sucessão, Luiz Paulo Corrêa da Rocha, derrotado pela imposição do nome da deputada federal Cidinha Campos por Brizola.

## O brizolista e o anti: as candidaturas de Anthony Garotinho e Cesar Maia

Marcello Alencar filiou-se ao PSDB em 1993, e no ano seguinte foi eleito governador do estado ao derrotar justamente Anthony Garotinho, ex-prefeito de Campos dos Goytacazes e candidato de seu antigo partido, PDT. Com maioria parlamentar na Assembleia Legislativa, Alencar iniciou o Programa Estadual de Desestatização<sup>19</sup>, entregando à iniciativa privada quase todos os setores da economia fluminense, a começar pelo Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ).

As medidas, entretanto, não solucionaram os problemas de caixa do governo estadual, agravando uma crise que teve como consequência arrocho e atrasos de salários, acarretando paralisações e greves de diversas categorias do funcionalismo público<sup>20</sup>. Alvo da rejeição de 51% dos eleitores<sup>21</sup>, Alencar renunciou à disputa pela reeleição em favor de seu vice-governador, Luiz Paulo Corrêa da Rocha, justificando que sua candidatura favoreceria a campanha de reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso<sup>22</sup>.

Dissidente do PDT, Alencar não conseguiu criar ou capitanear um novo polo

19 Rio de Janeiro. “Lei Nº 2470, de 28 de novembro de 1995”, <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/contlei.nsf/c8aa0900025feef6032564ec0060dfff0c4a3091bb1c4b94032564f800535df8?OpenDocument>>, acesso em: 13 set. 2020.

20 “Duas décadas depois, servidores do Estado do Rio voltam a ser atormentados por crise”, Extra, Rio de Janeiro, 25/07/2016. Disponível em <<https://extra.globo.com/emprego/servidor-publico/duas-decadas-depois-servidores-do-estado-do-rio-voltam-ser-atormentados-por-crise-19771630.html>>. Acesso em 13 set. 2020.

21 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 mai. 1998. p. 2.

22 *Jornal do Brasil*, 10 mai. 1998. p. 3.

político no Rio de Janeiro, ainda dominado pelo brizolismo, falhando em ser o “anti-Brizola”, tanto pela esquerda, quanto pela direita. Com sua saída da corrida eleitoral, a disputa ficou polarizada entre dois candidatos: Cesar Maia, do PFL, prefeito do Rio de Janeiro entre 1993 e 1996, o candidato antibrizolista; e Anthony Garotinho, do PDT, exercendo o segundo mandato como prefeito da cidade de Campos dos Goytacazes, apoiado pelo ex-governador.

Cesar Maia e Anthony Garotinho possuíam trajetórias políticas semelhantes, e em alguns momentos elas estiveram interligadas – ainda que de forma indireta –, possuindo ambos formação no campo da esquerda e extensa passagem pelo brizolismo.

O primeiro deles, Cesar Maia, nascido no Rio de Janeiro em 1945, teve envolvimento com o movimento estudantil na década de 1960. Ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi preso no congresso clandestino da União Nacional de Estudantes (UNE) em Ibiúna (SP), em 1968, exilando-se em seguida no Chile, onde cursou economia, retornando ao Brasil em 1973.

Em 1982, foi um dos responsáveis pela apuração paralela da campanha do PDT ao governo do estado, que trouxe à tona o *Caso Proconsult*, tentativa de manipulação eleitoral cujo objetivo foi beneficiar o PDS<sup>23</sup>. Com a eleição de Brizola, Maia assumiu a Secretaria de Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, sendo também presidente do BANERJ.

Nas eleições de 1986, Maia foi eleito deputado federal constituinte com 93.045 votos, destacando-se por seus posicionamentos à esquerda durante a Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), obtendo nota 8 na avaliação do DIAP<sup>24</sup>. Reeleito em 1990, se indispôs com o presidente do PDT ao defender algumas das medidas econômicas tomadas pelo governo de Fernando Collor. Sua resistência diante das pressões do PDT e de Brizola culminou em sua saída do partido, às vésperas da sucessão do prefeito Marcello Alencar.

Filiou-se ao PMDB em 1991 e, com o apoio de caciques como Ulysses Guimarães e Nelson Carneiro, desbancou, ainda no 1º turno de 1992, a candidata Cidinha Campos. No segundo turno, protagonizou surpreendente virada, vencendo a deputada Benedita da Silva (PT) pelo placar de 51,89 a 48,11% dos votos válidos.

Empossado em 1993, iniciou programas que ganharam relevância nacional, como o Rio-Cidade, de reurbanização e remodelamento de diversos bairros da cidade; Favela-Bairro, programa semelhante voltado para as comunidades carentes; e a construção da avenida Governador Carlos Lacerda, a Linha Amarela, concluída em 1997. Em maio

---

23 Paulo Henrique Amorim; Maria Helena Passos. *Plim-plim: a peleja de Brizola contra a fraude eleitoral*. São Paulo: Conrad, 2005.

24 Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. *Quem Foi Quem na Constituinte: nas questões de interesses dos trabalhadores*. São Paulo: Cortez, Oboré, 1988. p. 500. p. 500.



de 1995, Cesar Maia filiou-se ao PFL<sup>25</sup>.

Nas eleições de 1996, indicou o arquiteto Luiz Paulo Conde, seu secretário de Urbanismo, para a sucessão. Conde, que até então era um desconhecido e nunca havia exercido cargos eletivos, foi para o 2º turno com Sergio Cabral (PSDB), deputado estadual e candidato apoiado por Marcello Alencar. Foi eleito com mais de 1 milhão e 700 mil votos (62,17%), contra pouco mais de 1 milhão dados ao tucano.

Anthony Garotinho, também teve vínculos com o PCB durante os anos 1970. Com a redemocratização, filiou-se ao PT, por onde concorreu ao cargo de vereador em Campos em 1982, sendo o mais votado do partido, com 1.405 votos. No entanto, Garotinho não foi eleito, pois o PT não atingiu o quociente eleitoral. Radialista, ingressou no PDT pouco depois, sendo eleito deputado estadual constituinte em 1986, com 33 mil votos.

Em 1988, gozando de ampla popularidade, foi escolhido prefeito de Campos dos Goytacazes, com 62.953 votos. Exerceu o mandato até 1992, quando emplacou o sucessor Sérgio Mendes, sendo em seguida escolhido por Brizola para ser secretário estadual de Agricultura e Interior. Foi candidato derrotado ao governo do Rio em 1994, na campanha que marcaria sua conversão ao protestantismo<sup>26</sup>.

Nas eleições de 1996, foi reconduzido para a prefeitura de Campos ainda em 1º turno, com mais de 70% dos votos válidos. Com o aumento da arrecadação municipal por conta da divisão dos *royalties* do petróleo, Garotinho promoveu investimentos em obras e programas sociais, criou a Guarda Municipal e o PROCON e realizou concursos públicos.

Vitoriosos em 1996, Maia e Garotinho já despontavam como potenciais candidatos ao governo do estado. Apesar do fraco desempenho do PDT, que conquistou apenas 10 prefeituras, o eleitorado das cidades governadas pelo partido era grande: Campos, Niterói, São Gonçalo e Nilópolis somavam mais de 1 milhão e 300 mil eleitores. Além do Rio, com mais de 4 milhões e 200 mil eleitores, o PFL conquistou outras 11 prefeituras.

O maior desafio de ambos era disputar o espólio do PSDB, que em 1996 foi vitorioso em 27 prefeituras, dentre elas importantes colégios eleitorais como Duque de Caxias, Itaboraí, Nova Iguaçu e Petrópolis, que juntos possuíam quase 1 milhão e 300 mil eleitores.

---

25 *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 30 mai. 1995. p. 3.

26 Anthony Garotinho. *Virou o carro, virou minha vida*. Rio de Janeiro: Agência Soma, 2001.

## O processo eleitoral

Na temática relacionada às eleições e à campanha eleitoral, o historiador René Rémond nos traz importante contribuição para sua análise e compreensão. Para ele, sempre houve preocupação dos historiadores – não apenas deles, mas de todos que pudessem analisar este fato com base na longa duração – com as eleições. Entretanto, especificamente sobre a campanha eleitoral, Rémond também nos chama a atenção para sua inclusão no “inventário das direções de pesquisa”:

A campanha é parte integrante de uma eleição, é seu primeiro ato. Não é apenas a manifestação das preocupações dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos e dos temas dos partidos, é a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião. Sobretudo, ela modifica a cada dia as intenções e talvez a relação de forças. Não seria, pois, desinteressante prestar atenção a esses diversos aspectos e reconstituir o desenrolar circunstancial de algumas campanhas<sup>27</sup>.

Levando em consideração a afirmação de Rémond, nos concentraremos também no caminho percorrido pela campanha eleitoral, as articulações partidárias e as estratégias de cada candidatura, buscando compreender movimentações, discursos e a tentativa de influência da opinião pública.

A corrida eleitoral para o governo do Rio em 1998 começou ainda em 1996, logo após as eleições municipais. Em novembro daquele ano, o jornal *O Globo* trazia, além de entrevista de página inteira com Cesar Maia, uma matéria sobre a possibilidade de aliança do PT com o PDT, com Garotinho como titular e a senadora Benedita da Silva como sua vice, desenhando uma estratégia que ameaçava o desempenho de Maia<sup>28</sup>.

No mês seguinte, pesquisa do IBOPE encomendada pelo PFL mostrava Cesar na dianteira, com 30% das intenções de voto. Garotinho aparecia com 20%, Benedita da Silva com 18%, o ex-governador Moreira Franco (PMDB) com 7%, o ministro Francisco Dornelles (PPB) com 4% e o deputado federal Marcio Fortes (PSDB) com 1%, na pesquisa estimulada. Na espontânea, Cesar tinha 15%, Brizola aparecia com 4% – mesmo percentual de Sergio Cabral – e Garotinho com 3%. Benedita, o deputado federal Chico Alencar (PT), Conde e Marcello Alencar tinham 2%, e Moreira Franco aparecia com 1%<sup>29</sup>.

A disputa se intensificou em 1997, e o PFL encomendou nova pesquisa, desta

27 René Rémond. *As eleições*. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 49.

28 *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 nov. 1996. p. 17.

29 *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 dez. 1996. p. 8.

vez pelo GERP, concentrando-se na Baixada Fluminense e em São Gonçalo. Os três principais nomes apareciam tecnicamente empatados dentro da margem de erro: Cesar com 23,3%, Garotinho 22,1% e Benedita com 20,1%. O governador Marcello Alencar aparecia com apenas 10%. Conhecidos redutos brizolistas, as regiões escolhidas apontavam o ex-governador como “o político mais preocupado com os pobres”, com 19,1%, ao mesmo tempo em que era considerado “ultrapassado”, com 39,3%<sup>30</sup>. Visando as eleições presidenciais, Lula iniciou as articulações para uma frente de esquerda a nível nacional com o objetivo de derrotar Fernando Henrique Cardoso, projeto que passava pelas alianças locais, como o apoio à candidatura do PDT no Rio.

No Rio, Lula não descarta a possibilidade de apoiar uma chapa do PDT, tendo os prefeitos Anthony Garotinho (Campos) ou Jorge Roberto Silveira (Niterói) como candidato ao Governo, com um petista de vice, e o ex-governador Leonel Brizola disputando a única vaga para o Senado. Os dois partidos se coligariam na chapa para deputados federais, que teria como grandes puxadores de votos os petistas Jorge Bittar e Chico Alencar e o pedetista Miro Teixeira<sup>31</sup>.

No dia seguinte, houve a reação à intenção de Lula, mas dentro do próprio PT: setores radicais do partido rejeitaram a proposta de apoio ao candidato brizolista e passaram a defender a candidatura do ex-deputado Vladimir Palmeira ao governo do estado, mesmo com Benedita bem colocada nas pesquisas. O grupo era composto pelo deputado federal Milton Temer e pelos candidatos derrotados em 1996 à prefeitura do Rio, Chico Alencar, e de Niterói, Paulo Eduardo Gomes, que condenava a participação do PT na administração de Jorge Roberto Silveira (PDT)<sup>32</sup>.

Em setembro, a corrente Articulação, que controlava 40% do PT fluminense, passou a defender de forma aberta a aliança com o PDT, com Benedita da Silva figurando como vice de Garotinho. Na direção oposta, o grupo radical continuou defendendo candidatura própria: “No Rio, vai cantar o pau. Não vamos aceitar isso”, declarou Vladimir Palmeira<sup>33</sup>.

No mês seguinte, Garotinho deu os primeiros sinais concretos de que poderia deixar a prefeitura de Campos e concorrer, novamente, ao governo do estado:

Não estou postulando ser candidato, mas me considero preparado. Não menosprezo nenhum candidato, mas ninguém conhece o estado com a profundidade que conheço. Se da outra vez quase ganhei, dessa vez seria muito mais fácil. Pode haver candidato

---

30 *O Globo*, Rio de Janeiro, 28 abr. 1997. p. 5.

31 *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1997. p. 3.

32 *O Globo*, 14 jun. 1997. p. 8.

33 *O Globo*, 15 set. 1997. p. 4.

preparado igual a mim. Melhor do que eu, não tem ninguém<sup>34</sup>.

Ainda em outubro, o deputado federal Alexandre Cardoso, presidente estadual do PSB, indicou apoio a Garotinho<sup>35</sup>, e em seguida *O Globo* afirmou que Benedita já admitia ser candidata a vice-governadora em aliança com o PDT<sup>36</sup>. Nos meses seguintes, as disputas internas do PT ganharam maior proporção dentro das negociações para a união das esquerdas. Brizola voltou a condicionar a aliança com o PT nacional ao apoio à candidatura própria do PDT: “se, nacionalmente, posso ser vice do Lula, o que muito me orgulha, então o PDT tem que ser cabeça de chapa aqui”<sup>37</sup>.

Nos dias 25 e 26 de abril de 1998, o PT do Rio realizou convenção na UERJ para decidir sobre a candidatura própria, proposta vencedora com 326 votos favoráveis e 277 votos contrários. A decisão nacionalizou a crise interna do PT, arriscando as articulações em torno de uma possível candidatura de Lula<sup>38</sup>. Em 9 de maio, houve intervenção do Diretório Nacional no PT fluminense, anulando a convenção que escolheu Vladimir Palmeira candidato ao governo e delegando a decisão à Executiva Nacional, causando mal-estar em outros diretórios estaduais<sup>39</sup>.

O caso, entretanto, estava longe do fim: dias depois, o encontro nacional do PT, realizado em São Paulo, decidiu pela manutenção do apoio ao candidato Anthony Garotinho. No mesmo evento, o presidente nacional do partido, José Dirceu, foi hostilizado por partidários de Palmeira<sup>40</sup>. Em 12 de junho de 1998, o PDT oficializou a chapa Garotinho-Benedita<sup>41</sup>, ratificada pela convenção do PT no dia 15<sup>42</sup>.

Em julho, Vladimir Palmeira ainda solicitou ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) o registro de sua candidatura, na tentativa de impugnar a chapa com o PDT. Seu posicionamento causou indisposição com setores moderados do partido, que começaram a admitir a possibilidade de sua expulsão<sup>43</sup>. Em 5 de agosto, o TRE rejeitou, por unanimidade, o registro de Palmeira<sup>44</sup>.

Na contramão do que ocorreu com Garotinho, a escolha de Cesar Maia como candidato a governador foi simples: maior nome do PFL no estado, ele teve sua candidatura oficializada em 14 de junho<sup>45</sup>. Sua chapa “Governo de Verdade” apoiou o ex-ministro Roberto Campos (PPB) para o Senado. A coligação de Garotinho, “Muda

---

34 *O Globo*, 21 set. 1997. P. 5.

35 *O Globo*, 29 out. 1997. p. 4.

36 *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 out. 1997. p. 9.

37 *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 nov. 1997. p. 8.

38 *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 27 abr. 1998. p. 3.

39 *O Globo*, 11 mai. 1998. p. 5.

40 *O Globo*, 25 mai. 1998. p. 3.

41 *O Fluminense*, Niterói, 12 jun. 1998. p. 3.

42 *O Fluminense*. 16 jun. 1998. p. 3.

43 *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 jul. 1998. p. 5.

44 *O Fluminense*, Niterói, 6 ago. 1998. p. 3.

45 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 jun. 1998. p. 3.

Rio”, lançou o ex-prefeito Saturnino Braga (PSB) candidato ao Senado. Por fora corria Luiz Paulo Corrêa da Rocha, da chapa “Continua Rio”, apoiando Moreira Franco para o Senado.

A partir de então, Maia e Garotinho encarnaram, em suas candidaturas, perfis políticos totalmente opostos: o candidato do PDT deu ênfase à sua ligação com o fundador do partido, Leonel Brizola. Por sua vez, o ex-prefeito do Rio, que anos antes rejeitou totalmente seu passado brizolista, tentou vincular sua imagem ao ex-governador Carlos Lacerda<sup>46</sup>.

Governador do estado da Guanabara entre 1961 e 1965, Carlos Lacerda promoveu uma série de transformações na cidade do Rio, algumas delas perdurando até a atualidade:

No âmbito administrativo, criou as regiões administrativas, tal como elas funcionam hoje, como subprefeituras, para descentralizar o Governo. Na área de infraestrutura e saneamento, implantou 600 quilômetros de esgotos. E, obra das obras, construiu a Adutora do Guandu, que acabou com o problema de abastecimento d’água. No setor de saúde, iniciou a construção do Hospital Souza Aguiar.

Na área urbana e viária, construiu os 2.720 metros do Túnel Rebouças, ligando de vez a Zona Norte à Zona Sul, e o Túnel Major Rubem Vaz, em Copacabana (homenagem ao oficial da Aeronáutica que o servia como segurança e foi assassinado no famoso atentado da Tonelero, que deu início ao fim do Governo Vargas, em 1954). Terminou o Túnel Santa Bárbara, outra ligação Norte-Sul. Construiu os trevos das Margaridas e Faria Timbó. Deixou traçadas as linhas Vermelha e Amarela, a primeira construída por Leonel Brizola e a segunda em construção pelo prefeito Cesar Maia. Iniciou a construção da Avenida Radial Oeste. Construiu a Rodoviária Novo Rio. Construiu o Aterro e o Parque do Flamengo – 1,2 milhão de metros quadrados, o maior parque urbano do mundo – batizado com seu nome em 1988, 11 anos depois de sua morte, em 1977, aos 63 anos<sup>47</sup>

---

46 Ex-membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL), o jornalista Carlos Lacerda (1914-1977), foi um dos fundadores da União Democrática Nacional (UDN), de caráter antivarguista e anticomunista. Deputado federal por vários mandatos, foi um dos pivôs da crise de agosto de 1954, que culminou no suicídio do presidente Getúlio Vargas. Esteve também envolvido na conspiração que objetivava um golpe contra a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, em 1955. O golpe foi fracassado pela atuação do Marechal Henrique Lott, e Lacerda deixou o Brasil em seguida. Em 1960, foi eleito governador do recém-criado estado da Guanabara com 37% dos votos, e em 1964 apoiou o movimento que depôs o presidente João Goulart e instaurou um regime ditatorial, do qual tornou-se opositor, até ser cassado em 1968. Ver: Carlos Lacerda. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977; John W. F. Dulles. *Carlos Lacerda: a vida de um lutador*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. v. 1: 1914-1960; José Augusto Ribeiro. *A Era Vargas*. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2014. v. 3: ago. 1954; Marina Gusmão de Mendonça. *O Demolidor de Presidentes: a trajetória política de Carlos Lacerda – 1930-1968*. São Paulo: Códex, 2002; Wagner William. *O soldado absoluto*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

47 *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 out. 1996. p. 8.

O movimento de aproximação de Cesar Maia com a figura de Carlos Lacerda, no entanto, não era recente, sendo percebido já nas eleições de 1992, quando especialistas e analistas verificaram semelhanças entre os estilos de fazer política de ambos:

Na opinião do cientista social Luiz Werneck Viana, do Iuperj, Lacerda emergiu no inconsciente coletivo da população nessa campanha eleitoral carioca. E, quem diria, ele estaria presente não só no discurso da competência do peemedebista Cesar Maia como também – embora menos – na retórica da ética da petista Benedita da Silva. Os dois candidatos evitam a associação. Até porque a imagem mais forte que ficou de Lacerda não foi a de político ético e competente, mas a do homem que causou o suicídio de Getúlio, apoiou o golpe de 64, que era ligado às elites e que mandou atirar mendigos no Rio da Guarda<sup>48</sup>.

O cientista social Luiz Werneck Viana, que foi consultor da campanha de Cesar Maia, admitiu que o então candidato a prefeito estava estudando os discursos e o estilo de Carlos Lacerda para a campanha eleitoral:

É claro que ele não quer ser comparado a Lacerda. Aliás, o Cesar é um misto do lacerdismo com o brizolismo, que é a versão moderna do getulismo dos anos 40. Ele ganha a classe média com a retórica da competência, da ordem, da família, do trabalho e da segurança, elementos de Lacerda. E conquista a classe popular com o discurso da integração, elemento de Brizola. Afinal, quem abriu os túneis foi Lacerda. Mas quem ligou a Zona Sul à Zona Norte, através do sistema de transportes, foi Brizola<sup>49</sup>.

No seu último ano de mandato, quando indicou Conde como sucessor, o estilo de Maia foi novamente comparado ao de Carlos Lacerda:

Primeiro, a afirmação da autoridade, a ênfase no discurso da ordem. É quando ele bate duro (até literalmente) nos camelôs e nos participantes de ocupações irregulares de terrenos. O objetivo é conquistar o eleitorado de direita, órfão no Rio desde a desaparecimento de Carlos Lacerda. O modelo era, nas palavras do prefeito, um misto de Jânio Quadros e Carlos Lacerda. Ainda que Cesar não tenha o brilho de Lacerda, nem o talento histriônico de Jânio, vai ganhando a confiança do eleitorado de direita. E começa a passar a imagem de administrador capaz que, sem deixar de ser um fiscal de posturas, é adepto de teorias científicas sobre processos eleitorais e administração pública<sup>50</sup>.

---

48 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1992. Ideias, p. 7.

49 *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1992. Ideias, p. 7.

50 *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 set. 1996. p. 8.

Na antevéspera das eleições de 1996, que seriam realizadas no dia 3 de outubro, *O Globo* dedicou matéria de página inteira a Carlos Lacerda, destacando fatos de sua trajetória política, como a sua administração no estado da Guanabara: “Seu legado administrativo é elogiado, por exemplo, pelo prefeito Cesar Maia, que vem ouvindo fitas gravadas com discursos de Lacerda feitos entre 1946 e 1965”<sup>51</sup>. A matéria ressaltou a participação de Sandra Cavalcanti, “responsável pela política social do Governo e hoje, não por coincidência, secretária de Projetos Especiais do neolacerdista Cesar Maia”<sup>52</sup>. Após a vitória de Luiz Paulo Conde no 2º turno de 1996, diversas vezes a sua afiliação ideológica a Carlos Lacerda foi questionada:

É correto dizer que o senhor é o maior líder de direita no Rio depois de Carlos Lacerda?  
Cesar: Mais ou menos. Não sou líder “de” direita. Sou líder “da” direita. O pensamento conservador e o liberal me encontraram como líder de suas ideias e não abro mão um minuto dessa representação. Não sou de direita, sou socialdemocrata, mas líder da direita, que me escolheu para representá-la<sup>53</sup>.

A identificação de Cesar Maia com a figura de Carlos Lacerda era uma equação política complicada: o ex-governador da Guanabara havia falecido em 1977, cassado pelo regime que ajudou a instaurar, distante de diversos aliados políticos. A personalidade contemporânea mais próxima do legado lacerdista foi Sandra Cavalcanti, que filiada ao PTB de Ivete Vargas foi derrotada por Brizola nas eleições para o governo estadual em 1982.

Maia, ex-comunista, egresso do PDT, ainda identificado com Brizola e recém-filiado ao PMDB, enfrentou dificuldades em se alinhar a uma tradição política que o respaldasse e o legitimasse. Neste sentido, a escolha de Carlos Lacerda teve uma dupla função: ao mesmo tempo em que criou uma linha de continuidade, retomando o estilo e o legado lacerdista, repeliu o brizolismo ao reivindicar seu maior rival a nível nacional entre os anos 1950 e 1960.

As disputas entre Brizola e Lacerda ocorreram no contexto sociopolítico da Quarta República ou República Nova, entre 1946 e 1964, com embates que não se resumiam às discussões oratórias, como o episódio da posse de ambos na Câmara dos Deputados, em 1955:

No momento em que o secretário chamou o nome de Carlos Lacerda para prestar compromisso, o Deputado Leonel Brizola

---

51 *O Globo*, 1 out. 1996. p. 8.

52 *O Globo*, 1 out. 1996. p. 8.

53 *O Globo*, 17 nov. 1996. p. 12.

pediu a palavra, pela ordem, advertindo a Nação para o juramento daquele representante, que só poderia ser falso, uma vez que, ainda ontem mesmo, no seu jornal e em artigo assinado, pedia o fechamento da Câmara dos Deputados<sup>54</sup>.

Ocorreriam, ainda, os episódios da Legalidade, em 1961, e da eleição de 1962, já citados anteriormente, que envolveram Brizola e Lacerda de forma direta e em campos diametralmente opostos. Entretanto, foi a atuação de ambos em 1964 que tornou suas diferenças totalmente inconciliáveis:

O golpe militar de 64 abriria um fosso ainda maior entre os dois líderes carismáticos que polarizavam a Guanabara e o país. Enquanto Lacerda foi um dos seus principais artífices, Brizola teve que fugir para o Uruguai para não ser preso. Mantiveram-se mais distantes ainda quando decidiram, de formas diferentes, reagir ao fechamento do regime, que impôs o fim das eleições diretas para presidente e a extinção dos partidos políticos: enquanto Carlos Lacerda foi um dos articuladores da Frente Ampla que uniu Juscelino Kubitschek e João Goulart em busca da redemocratização, Brizola criticou essa iniciativa e teria optado pelo apoio a movimentos guerrilheiros que irromperam no Sul e na serra do Caparaó. Nem mesmo a cassação de Lacerda pelo AI-5, em 1969, chegou a estabelecer qualquer elo de solidariedade entre os dois cassados, e menos ainda entre seus seguidores<sup>55</sup>.

Quando Brizola retornou ao Brasil, em 1979, Lacerda já era falecido, e em vida já havia perdido o prestígio político de outrora. Ao contrário do ex-udenista, ele pôde retomar sua carreira política pelo Rio de Janeiro, onde havia sido interrompida. Sua primeira gestão, de 1983, o credenciou a disputar as eleições presidenciais de 1989. Em seguida, o mandato iniciado em 1991 foi bastante impopular, principalmente no campo da segurança pública, e alguns dos sintomas foram as derrotas de Cidinha Campos, em 1992, e do próprio Brizola em 1994.

Maia buscou se legitimar, utilizando-se da permanência, mesmo que remanescente, de Carlos Lacerda na cultura política carioca, reivindicando para si a posição enquanto representante de seu legado:

O campo político é, pois, o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos, ou melhor, pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos. O porta-voz apropria-se não só da palavra do grupo dos profanos, quer dizer, na maioria dos casos, do seu silêncio, mas também da força desse mesmo

---

54 Última Hora, Rio de Janeiro, 3 fev. 1955. p. 4.

55 Marly Motta. *Carisma, memória e cultura política*. In: Marly Motta; Américo Freire; Carlos Eduardo Sarmiento. *A política carioca em quatro tempos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 94.



grupo, para cuja produção ele contribui ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima no campo político<sup>56</sup>.

A respeito de Garotinho, a reivindicação do legado político brizolista era menos complexa, devido às circunstâncias do momento: ele pertencia ao PDT, Brizola era vivo e, mesmo com todas as controvérsias relacionadas ao seu segundo mandato como governador, ainda era uma figura com forte apelo popular e com capacidade de transferência de votos, elementos suficientes para que Garotinho obtivesse bom desempenho eleitoral.

Neste sentido, compreendemos que Cesar Maia e Anthony Garotinho, quando buscaram reproduzir os perfis e métodos políticos de Carlos Lacerda e Leonel Brizola, respectivamente, almejavam não apenas o resultado eleitoral, mas uma legitimação com base no histórico e desempenho de suas referências, o que poderia se refletir em relevância política e no sucesso em futuros projetos de poder.

O brizolismo enquanto tema central da disputa eleitoral tornou-se visível, por exemplo, durante o horário eleitoral do PFL, onde eram frequentes os ataques ao ex-governador, principalmente no campo da segurança pública. Um exemplo foi o programa de rádio de Cesar Maia do dia 04 de setembro de 1998, onde foram veiculadas as opiniões de populares sobre os mandatos de Brizola, além de paródias de *jingles* associando Garotinho ao presidente nacional do PDT:

- Qual seu nome?
  - Edson Rodrigues Gonçalves.
  - Onde você mora?
  - Itaguaí.
  - Você lembra do Rio de Janeiro no tempo do Brizola?
  - Falta de policiamento, falta de segurança, você ir para uma praia, você tinha medo de arrastão... Você andava dentro de Campo Grande, você tinha medo.
  - Qual seu nome?
  - É Humberto Batista.
  - Onde você mora?
  - Vila Valqueire.
  - Você lembra do Rio de Janeiro na época do Brizola?
  - Lembro, foi inesquecível: greve, baderna, a marginalidade mandando, toda desordem estava com esse senhor. Foi inesquecível, foram dois mandatos inesquecíveis.
- Cesar Maia é mais emprego (tô dentro!)  
Garotinho é Brizola (tô fora!)  
Cesar é Favela-Bairro (tô dentro!)  
Garotinho é Brizola (tô fora!)  
Essa dupla não me enrola

---

56 Pierre Bourdieu. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 185.

Garotinho é Brizola  
O Brizola é Garotinho  
Nessa dupla eu não vou votar!<sup>57</sup>

Maia tentava atingir Garotinho de forma indireta, atacando Brizola e trazendo à tona a crise de segurança sofrida em seu segundo mandato. Desta forma, aguçava a memória da população fluminense, buscando associar Brizola e Garotinho à violência, ao caos e à desordem urbana, enquanto trazia para si a imagem de gestor e administrador, vinculando-se a Carlos Lacerda também de forma indireta.

Do outro lado, de fato, Brizola pouco apareceu na campanha de Garotinho, concentrando suas aparições no 2º turno, após a derrota da chapa com Lula. O candidato do PDT voltou-se especialmente para as populações mais pobres, para a Baixada Fluminense e o interior do estado. Fez questão de afirmar que daria continuidade aos programas sociais e às obras iniciadas pelo governo de Marcello Alencar, e que traria de volta o programa dos CIEPs.

Sobre os ataques a Maia, até mesmo a violência contra moradores de rua – a exemplo do que aconteceu com Lacerda – foi evocada durante a campanha: enquanto o governo do udenista foi acusado por remoções violentas de favelas na Zona Sul carioca<sup>58</sup> e pela matança de mendigos no rio da Guarda<sup>59</sup>, os adversários de Cesar Maia utilizaram contra ele a declaração de que usaria creolina, fétido desinfetante, para espantá-los das ruas do Rio<sup>60</sup>.

Contra a imagem de técnico e gestor de Cesar Maia, Garotinho apegava-se à de homem simples, que dialogava diretamente com o eleitorado, elemento marcante da cultura política brizolista. Além disso, a figura de Brizola, seu padrinho, era evocada enquanto a de um estadista, herdeiro da tradição política trabalhista de Getúlio Vargas e João Goulart.

## Conclusão

Vitorioso nas eleições para o governo do estado, Anthony Garotinho alcançou pouco mais de 4 milhões e 200 mil votos (57,97%), e seu adversário Cesar Maia

---

57 ELEIÇÕES 1998: HGPE de Rádio dos Governadores do RJ (04/09/98), Rio de Janeiro, YouTube, 1998, cor, 17 min.

58 Thársyla Glessa Lacerda da Cunha. “Remoção de favelas durante o governo Carlos Lacerda (1960-1965): propriedade para os pobres ou favorecimento aos ricos?”, *Revista Convergência Crítica*, n 2 v. 12, 2019.

59 Carlos Lacerda. *Depoimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 226-228.

60 ISTOÉ. *Bloco da ordem*. Disponível em <[https://istoe.com.br/6298\\_BLOCO+DA+ORDEM](https://istoe.com.br/6298_BLOCO+DA+ORDEM)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

conquistou cerca de 3 milhões de votos. A vitória de Garotinho para o governo do estado foi acompanhada pela eleição de Saturnino Braga – que havia perdido a eleição para vereador da capital em 1996 – para o Senado Federal: 2.349.372 votos.

Apontamos três fatores que contribuíram para a vitória de Anthony Garotinho. O primeiro deles foi o apoio de Leonel Brizola, fundamental para seu bom desempenho. Quatro anos antes, até concorrer ao governo do estado pela primeira vez, Garotinho era um político de expressão regional, que ganhou destaque na prefeitura de sua cidade e como parte do secretariado de Brizola.

O segundo foi a estratégia da campanha de Cesar Maia de “lembrar” constantemente ao eleitorado que Garotinho era o candidato de Brizola, cujo efeito foi contrário ao objetivo do PFL pois, além de evidenciar o ex-prefeito de Campos em seus programas, ajudando a torná-lo mais conhecido, colaborou com a consolidação de sua imagem enquanto candidato brizolista.

O terceiro fator foi o apoio dos evangélicos. Ao tornar-se presbiteriano em 1994, Garotinho aproximou-se de figuras como o deputado federal Francisco Silva, proprietário da Rádio Melodia, emissora tradicional no meio evangélico. Com votos no interior do estado, aliou-se à também evangélica Benedita da Silva, bastante popular entre o eleitorado carioca.

Enquanto o terceiro fator registra um elemento que potencializou a candidatura de Garotinho, os dois primeiros enfatizam a relevância decisiva do brizolismo para o sucesso nesta eleição, seja como partidário ou enquanto opositor. Estes fatores, aliados ao bastião brizolista que era a Baixada Fluminense, tornaram a estratégia do PDT imbatível.

Por fim, a vitória de Garotinho permitiu uma sobrevida eleitoral ao brizolismo, dado como morto em 1992 e 1994: mesmo após o rompimento com Brizola, durante a campanha eleitoral de 2000, procurou manter sua imagem vinculada ao líder trabalhista. Sua esposa, Rosângela Matheus, a Rosinha Garotinho, foi eleita governadora em 1º turno em 2002, mesmo ano em que Garotinho, candidato presidencial pelo PSB, alcançou o 3º lugar, com mais de 15 milhões de votos (17,86%).

Ainda em 2002, Brizola ficou em 6º lugar nas eleições para o Senado, com 8,23%, atrás dos então desconhecidos Manoel Ferreira (PPB) e Marcelo Crivella (PL). Dois anos antes, o ex-governador já havia sido derrotado na eleição para prefeito do Rio quando, sem o apoio de Garotinho, terminou a disputa em 4º lugar, com 9% dos votos.

Após o declínio eleitoral e a morte de Brizola em 2004, a força política de Garotinho também esvaneceu. Em 2010, abdicou da disputa ao governo do estado, tendo sido eleito deputado federal pelo Partido da República (PR), e nas duas eleições seguintes foi derrotado nas disputas pelo governo estadual. O encerramento definitivo do ciclo brizolista, iniciado em 1982, fez-se perceber pela eleição de Sérgio Cabral

(PMDB) para o governo estadual, em 2006, e de Eduardo Paes (PMDB), para a prefeitura do Rio, em 2008.

Cesar Maia, por sua vez, ainda retornaria à prefeitura da capital em 2000, derrotando seu sucessor e novo desafeto político, Luiz Paulo Conde, e quatro anos depois seria reeleito no 1º turno. Candidato derrotado ao Senado em três eleições seguidas (2010, 2014 e 2018), em 2020 foi reeleito vereador pelo DEM carioca com 55 mil votos, o 4º mais votado da cidade. Com relação a Carlos Lacerda, não há hoje, na política carioca e fluminense, nenhuma figura política notória que reivindique seu legado – nem mesmo Cesar Maia.

Brizola foi, portanto, do início dos anos 1980 até o início dos anos 2000 a figura central da política fluminense, direta e indiretamente. Neste período, as disputas eleitorais se desenharam com dois nítidos campos políticos: o brizolismo, de um lado, e o que se opunha a este, de outro. As roupagens daqueles que perfilavam no campo oposto ao pedetista variavam, mantendo apenas o traço comum de afirmarem sua existência pela negação do principal adversário político.

Nas eleições de 1998, a opção de Cesar Maia em incorporar a imagem de Carlos Lacerda, personagem há décadas desaparecido do cenário político, visando um contraponto a Brizola e à cultura política do brizolismo, apenas reforça que mesmo as principais forças políticas deste período não só emergiram de alguma maneira das fileiras brizolistas, como buscavam nele o referencial para se apresentar ao eleitorado fluminense.